



## **O professor como facilitador da aprendizagem: um processo dialético sóciointeracionista na educação infantil**

The teacher as a learning facilitator: a sociointeractionist dialectical process in early childhood education

**Eliete de Almeida Belém<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

No momento globalizado em que vivemos e com o surgimento dos novos paradigmas educacionais correlacionados ao mundo pós pandemia do corona vírus (*COVID 19*), a figura do professor e sua postura, passa a ser mais de um mediador do ensino-aprendizagem ao mesmo tempo em que é aprendiz de seu aluno, por compartilhar com ele novas experiências. Neste contexto, para tornar o aluno da educação infantil mais atento à presença de “coisas escritas” na vida cotidiana e fazê-lo perceber o universo da escrita e da leitura ao seu redor, procura-se leva-los o maior número possível de material escrito através das gravuras escritas e desenhadas, de fato uma leitura sensorial com base na dialético sóciointeracionista. Este trabalho, faz parte do recorte bibliográfico da dissertação de mestrado apresentada à *Universidad Autónoma de Asunción - UAA /PY*, a qual teve como objetivo geral: Analisar os fatores nas práticas pedagógicas dos professores que contribuem para a indisciplina dos alunos da Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Professor Temístocles Araújo e as escolas que integram a USE 8, nas cidades de Belém e Ananindeua/PA. Nos dias atuais, serve como aporte teórico para um novo projeto de pós graduação *stricto sensu*.

**Palavras chave:** Professor facilitador, Educação infantil, Sóciointeracionismo

### **ABSTRACT**

In the globalized moment in which we live and with the evolution of new educational paradigms correlated to the world after the corona virus pandemic (*COVID 19*), the figure of the teacher and his posture, becomes more than a mediator of teaching-learning at the same time in who is his student's apprentice, for sharing new experiences with him. In this context, to make kindergarten students more attentive to the presence of “written things” in everyday life and make them perceive the universe of writing and reading around them, we try to bring them as many materials as possible. written through the written and drawn engravings, in fact a sensorial reading based on the sociointeractionist dialectic. This work is part of the bibliography of the master's thesis presented to the *Universidad Autónoma de Asunción - UAA /PY*, which had the general objective: To analyze the factors in the pedagogical practices of teachers that contribute to the indiscipline of students at the Escola Estadual do Ensino Elementary and Middle School Professor Temístocles Araújo and the schools that make up the USE 8, in the cities of Belém and Ananindeua/PA.

**Keywords:** Social inclusion, Continuing education, Social inequality

### **INFORMAÇÕES**

#### **Histórico do Artigo:**

Submetido: 16/02/2023

Aprovado: 22/01/2023

Publicação: 27/01/2023



<sup>1</sup> Doutoranda pela Universidade Autónoma de Assunción – UAA/PY. Professora da Rede Pública Estadual do Estado do Amazonas. [elieteadmeidabelem@gmail.com](mailto:elieteadmeidabelem@gmail.com)

## 1. Introdução

A informação está hoje acessível para todos e todas, pois se processa de forma bastante rápida através dos meios eletrônicos. Quando chegam à escola os alunos sabem que a escrita quer dizer alguma coisa, embora não percebam de que maneira os sinais escritos no papel funcionam para transmitir uma mensagem.

Em certas famílias, a leitura e a escrita fazem parte da vida cotidiana como jornais e cartas que geralmente são lidos e comentados, bilhetes e lista de compras, cheques são preenchidos. Porém, em muitas outras famílias, os atos de leitura são raros ou mesmo inexistentes, seja porque as pessoas não aprenderam a ler ou porque suas condições de vida e de trabalho não exigem o uso da língua escrita. “O discente demanda uma série de requisitos quando caminha pelo ambiente escolar como a saúde dos educandos, violência, condições familiares e econômicas etc.” (OLIVEIRA,; DE SOUZA & SANTOS, 2022, p.182)

Neste contexto, para tornar o aluno mais atento à presença de “coisas escritas” na vida cotidiana e fazê-lo perceber os vários usos sociais da escrita e da leitura, procura-se em sala de aula, levar-lhes o maior número possível de material escrito: livros, revistas, receitas, jornais, folhetos de propaganda, enfim, tudo que possa servir para garantir que eles tenham contato com a leitura escrita e visual em sala de aula.

Que de acordo com a perspectiva sócio interacionista, se adquire conhecimentos linguísticos ao compartilhar os conhecimentos e as experiências de mundo com aqueles que se vive. Nesse processo, o professor é o mediador do ensino-aprendizagem ao mesmo tempo em que é aprendiz de seu aluno, por compartilhar com ele novas experiências.

Este trabalho, faz parte do recorte bibliográfico da dissertação de mestrado apresentada à *Universidad Autónoma de Asunción - UAA /PY*, a qual teve como objetivo geral: Analisar os fatores nas práticas pedagógicas dos professores que contribuem para a indisciplina dos alunos da Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Professor Temístocles Araújo e as escolas que integram a USE 8, nas cidades de Belém e Ananindeua/PA. Bem como, parte de um projeto investigativo com foco qualitativo, através da técnica de observação direcionada ao ensino infantil.

## 2. Desenvolvimento

Na teoria histórico-cultural de Vygotsky, segundo *Cerizara (ibid)*, o processo de desenvolvimento se apresenta em dois momentos distintos: o nível de desenvolvimento real, determinado por aquilo que o indivíduo é capaz de executar de forma autônoma, e o nível de desenvolvimento potencial, caracterizado por aquilo que ele ainda não pode realizar de forma independente, mas pode ser realizado com algum auxílio, como o de alguém com maior experiência.

Entre esses dois níveis, encontra-se a zona de desenvolvimento proximal, o momento em que a interação e as relações sociais podem promover o desenvolvimento potencial para o real. No momento em que o professor intervém diretamente na zona de desenvolvimento proximal de seu aluno, por meio de explicações, demonstrações e a promoção da aprendizagem cooperativa, ele revela e estimula avanços.

Para Cerizara (1999), o processo de desenvolvimento humano é perpetuado e garantido nas relações sociais, sendo a educação um dos principais processos da relação humana e se apresenta como uma fonte indutora da constituição das funções mentais superiores, por meio da interação e/ou cooperação entre indivíduos, em diferentes espaços e contextos sócio históricos. Segundo Pinto e Nunes (2022), faz-se necessário garantir a formação adequada do aluno, visando a ruptura com a evasão e o abandono escolar.

Percebe-se que as ênfases por Vygotsky às situações interativas podem auxiliar os educadores a compreender e valorizar as vivências em grupos, pois, no contexto educacional, tanto eles quanto às crianças que estão interagindo, trazem consigo culturas diversas, por isso, a promoção da mediação dessas experiências culturais entre os sujeitos é muito valiosa.

De acordo com Polônia (2002):

A imitação é vislumbrada não como um procedimento mecânico ou de mera repetição, mas funciona como uma reconstrução interna do que o indivíduo observa dos outros, de seu ambiente, e traduz para sua experiência, criando algo novo e próprio a partir desta realização que normalmente está além de suas possibilidades reais [...] (POLONIA (2002,152p.)

Nesse contexto, o professor não deve ser o transmissor de conteúdo, mas sim, o mediador das relações interpessoais e do conhecimento construído historicamente. À medida que conhece a zona de desenvolvimento real de seus alunos, tem condições de facilitar o processo de aprendizagem dos mesmos e a partir das concepções das crianças sobre o sistema de escrita, pode compreender o que escreve e porque o fazer de determinada forma. Valorizar cada tentativa do

aluno, independentemente do nível do resultado, pode levá-lo a experiência do sucesso, aumentando sua autoestima e garantindo a continuidade do esforço.

Interagir com variados tipos de texto existentes no ambiente em que vivem como: cartazes, letreiros, placas, anúncios, rótulos, embalagens, receitas, bulas, catálogos, revistas, jornais, almanaques, enciclopédias – utilizados no cotidiano da classe, sempre em situações concretas de uso social, além dos livros de literatura infantil, pode levar aos alunos a descobrirem por eles mesmos, para que serve a escrita, o porque ela representa e como funciona.

A formação integral da criança na educação infantil deve estar vinculada a sua compreensão intuitiva do mundo que a espera, as novas metodologias educacionais devem estar associadas ao cotidiano dos aprendizes de forma que a distância entre a teoria e a prática seja minimizada. (PONTES, 2020, p. 1167)

As crianças constroem hipóteses a respeito da escrita e da leitura, do mesmo modo como se tornam falantes de sua língua materna. Ferreiro (2001, p.147-148) afirma que “quando uma criança escreve tal como acredita que poderia escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento, que necessita ser interpretado para poder ser avaliado”. As crianças vivem em um mundo letrado e estão a todo instante em contato com diferentes tipos de escrita, ficam expostas à influência de uma série de ações e constroem seu próprio processo de leitura e escrita ao fazerem observações em um mundo impregnado de letras e imagens.

De fato, as crianças convivem com a escrita e sua função social desde cedo. Ela é letrada antes mesmo de estar alfabetizada (no sentido do ler e escrever), porque está imersa nas práticas sociais da leitura e da escrita da comunidade em que vive. Nesse contexto, não é possível acreditar que são os adultos que decidem quando a criança deve ser iniciada na relação com a escrita.

Na escola, é preciso oferecer às crianças oportunidades variadas e enriquecedoras de interagir com a linguagem escrita, lendo ou escrevendo nas diferentes situações de comunicação, mesmo que elas não o façam convencionalmente ainda.

É notório que as crianças de hoje não são tão limitadas como as do século passada, o que de certa forma contribuem para que elas não reconheçam a autoridade, não respeitam as regras. A responsabilidade desta atuação é dos pais, que se tornaram permissivos demais, esquecendo de introduzi-los a um letramento inicial. Ao observar as brincadeiras das crianças, pode-se constatar que elas sabem

muito bem o que são as regras de funcionamento de um grupo e, conseqüentemente, não precisa de limites, por isso a importância do tema, por considerar que as mudanças significativas ocorridas na família, de certa forma interfere na aprendizagem formal do seu letramento educacional.

Assim como na escola, nos últimos tempos mudaram as obrigações de lugar, antes a família era cúmplice da escola, atualmente esta família passou a delegar suas funções e responsabilidade para escola, remetendo seus filhos aos bancos escolares com menos limites trabalhados por ela no seu seio familiar.

Sendo assim, compreendemos que a capacidade de pensar e agir das crianças e dos pré-adolescentes são construídos socialmente, por meio das interações sociais, num processo dialético sócio interacionista. Como afirma Velasco, 2001:

Nessa perspectiva, não estamos pensando na linguagem como meio organizado, um esquema fechado, particular, metódico, não-compartilhado, não reflexível. Mas, sim, estamos pensando em um conceito de linguagem sócio interacionista, porque nele são enfatizadas as trocas linguísticas entre os interlocutores e a interação dos conhecimentos sociais por meio da qual o falante pode desenvolver suas competências e habilidades comunicativas. (VELASCO 2001, p. 27)

É nesse processo, que o professor mediador do ensino-aprendizagem, compartilhar e socializa com o seu educando do ensino infantil novas experiências, com a perspectiva sócio interacionista adquirindo conhecimentos linguísticos compartilhados aos conhecimentos e as experiências de mundo no qual eles já tem a sua vivência.

Segundo Paulo Freire (1980), numa aula em que o professor "dá comunicado" e não comunica; certamente, seus alunos recebem e repetem o que foi transmitido ou o que entendeu dessa transmissão. Nesse contexto, o professor nega a historicidade de seu aluno, não permitindo um intercâmbio de culturas, não oportunizando uma troca, um diálogo entre professor e alunos de maneira que um e outro se completem e saiam "ricos" dessa interação. Este diálogo, tem por finalidade estimular uma ação proposta pelo professor e provocar reflexões criativas dos seus alunos, para, juntos, na prática, chegarem à teoria que se planeja abordar ou a aprendizagem almejada.

Para que o professor atue desse modo, ele precisa, antes, se educar e continuar se educando permanentemente, de maneira que possa estar constantemente se evoluindo para provocar, em seu aluno, o gosto pela descoberta,

a necessidade de aprimoramento, e o prazer de criar, tão importantes para todos os seres humanos.

Que de acordo com Paulo Freire (1980). Educar não é "encher" o aluno de conhecimento, "dotá-lo" de sapiência, e sim descobrir com ele novos dados a respeito de determinado assunto, sem ignorar seu conhecimento anterior e sem partir do pressuposto de que o professor é o dono da verdade; somar experiências, trocar informações, avaliar, rever o que foi proposto faz parte dessa caminhada entre professores e alunos lado a lado se ajudando e se completando mutuamente para construir o saber.

O professor facilitador como demais profissionais da educação, não pode contentar-se em ser o portador da cultura apenas de modo passivo, mas deve também, desenvolver efetivamente atividades e ações culturais, e isto por meio da educação de si próprio. As práticas educacionais em conjunto com a transdisciplinaridade, não deve jamais estacionar, pois de outro modo começará a corrigir nas crianças o que não consegue corrigir em si próprio.

É na prática da educação que o educador também se transforma. E quando falamos de transformação, não estamos falando do inanimado. Não se pensa mais numa educação voltada apenas para disciplinar, pois as constantes mudanças do mundo globalizado, requer um educador muito mais que um mero contador de histórias infantis no exercício de sua prática educacional.

Para Duarte (2001) é na escola que são desenvolvidas diversas atividades, na sua maioria envolvendo processos de aprendizagem. Por muito tempo, estiveram em evidência a aula expositiva e a relação vertical sobre o aluno para efetivar esses processos, justificando o fato de que, para o senso comum, o professor ainda que seja visto como figura detentora do saber, que transmite o conhecimento aos aprendizes pouco experientes.

Compreende-se que, a educação infantil é a primeira etapa da educação básica. Ela atende crianças de zero a cinco anos de idade, que estão tendo os primeiros contatos com a escola, e por isso mesmo integra ensino e cuidado, funcionando como um complemento da educação familiar. Mas qual a finalidade da educação infantil?

Seu principal objetivo é promover nos pequenos estudantes o desenvolvimento dos aspectos físico, motor, cognitivo, social e emocional, além de fomentar a exploração, as descobertas e a experimentação. É nesta fase também

que as crianças começam a interagir com pessoas de fora do seu círculo familiar e comunitário, principalmente através da realização de jogos e atividades que envolvem a ludicidade.

Neste contexto, a forma de entender a educação para a primeira etapa ou educação básica no contexto social, nos conduz a um entendimento sobre as metodologias e os instrumentos didático-pedagógicos, os quais, de certa forma necessitam serem extremamente significativos. Atualmente, existe uma expectativa da postura do professor e facilitador educacional da escola na tentativa de relacionar os fundamentos da educação propostos a partir das ideias de *Vygotsky* e as práticas pedagógicas cotidianas, que define o papel da educação escolar na formação do indivíduo como de mediador ou facilitador entre a esfera da vida cotidiana e as esferas não-cotidianas da prática social do indivíduo.

A Educação Infantil é considerada uma das mais importantes etapas da formação das crianças, pois é onde elas começam a existir fora do convívio familiar, o que envolve lidar com diferenças, o desenvolvimento da personalidade e da autonomia, a criação de laços de amizade e as descobertas em diferentes áreas do conhecimento. Ela funciona como uma base para as demais etapas da educação formal, e o correto aproveitamento desta etapa permite que os pequenos cresçam com mais autonomia e tenham mais sucesso em sua vida escolar e individual.

### **3. Considerações Finais**

A escola, como uma das esferas de atividade da sociedade que muito influencia, mas também está passiva de ser influenciada e transformar-se na mesma medida ao melhor possível para o acesso de todos. Tem como objetivo principal o ensino da linguagem escrita, ou seja, deve ensinar o aluno a ler e escrever, e o professor, além da própria linguagem escrita, deve utilizar a linguagem oral – aula expositiva – para isso, a escrita continua sendo fundamental às ações escolares, mas os novos elementos que passaram a integrar a vida das pessoas e a diversidade de linguagens devem ser considerados para estabelecer os parâmetros didáticos e metodológicos, analisando-se a interferência de cada um desses elementos e o impacto que causam nos processos de ensino-aprendizagem.

Segundo *Vygotsky (1998)*, o aprendizado é uma característica humana, é dinâmico e plástico e se diversifica na individualidade dos seres, na especificidade da atividade desenvolvida (na troca com outros seres) e dos instrumentos (recursos)

utilizados. O citado autor considera que o pensamento, a cognição, nasce e alimenta-se do contato social e, portanto, o que fundamenta a prática escolar, embora muitas vezes isso seja obscuro, é a interação entre as pessoas.

O professor, educador social ou facilitador é um elemento altamente estratégico e indispensável quando se trata de uma educação voltada para a primeira etapa popularmente conhecida como educação infantil. Para isso, o professor precisará estar constantemente atualizado para não se tornar um elemento improdutivo nessa ação cognitiva da criança.

A educação infantil no Brasil é um direito da criança, sendo o estado obrigado a disponibilizar espaços e profissionais adequados para atendê-la corretamente. Por isso encontramos em todas as regiões do País instituições de ensino públicas que atuam como creches e pré-escolas, mas diversas escolas particulares também oferecem educação infantil, o que dá aos pais e responsáveis a chance de optar por aquela que está de acordo com as suas possibilidades financeiras.

Segundo a BNCC (2018):

Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação. Nessa direção, e para potencializar as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, a prática do diálogo e o compartilhamento de responsabilidades entre a instituição de Educação Infantil e a família são essenciais. Além disso, a instituição precisa conhecer e trabalhar com as culturas plurais, dialogando com a riqueza/diversidade cultural das famílias e da comunidade.(BNCC, 2018, p. 36)

Neste contexto, a atualização de conhecimentos torna-se um processo estratégico para conciliar a prática com as novas exigências estabelecidas pela atual BNCC. Sendo assim, estabelecer a compreensão de qual é a concepção de linguagem mais completa e pertinente direcionada para educação infantil, mais enriquecedora para o trabalho com os pequeninos, é uma condição indispensável, haja vista que todo trabalho com o linguajar aplicado está intimamente ligado a uma concepção de aprendizagem.

Vygotsky (1987), qualifica a linguagem como a pedra angular do desenvolvimento cognitivo do ser humano. Para ele, quando aprendemos a

linguagem específica do nosso meio sociocultural, transformamos radicalmente os rumos de nosso próprio desenvolvimento. O mesmo, defende que o meio social é determinante do desenvolvimento humano e que isso acontece fundamentalmente pela aprendizagem da linguagem, que ocorre por imitação e mediado através da interação com o outras pessoas.

Para Vygotsky, o mundo ou universo da aprendizagem infantil é assistida e mediada pelos professores e pelo seu ambiente, e a maior parte desta comunicação é orientada pela linguagem, em outras palavras, ele acreditava que o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio da linguagem, das conversas e interações das crianças com os adultos (família, professores etc.)

Nesse sentido, o professor facilitador da aprendizagem é aquele capaz de identificar as fortalezas e dificuldades dos alunos ou das crianças em determinadas matérias ou atividades cognitivas. Além disso, ajuda o aluno a desenvolver a autonomia nos estudos. Isso significa permitir, despertar, incentivar, valorizar e exercitar o poder de pensar do indivíduo ao longo de todo o processo estudantil.

Para que haja um ensino que desperte essa evolução nas crianças, o professor precisa ser um facilitador da aprendizagem. Esse professor está ali para facilitar a aquisição de capacidades e conhecimento, favorecendo a percepção da importância e necessidade em aprender, desenvolvendo as capacidades como concentração, raciocínio lógico, a auto confiança, independência, habilidades e competências de leitura, escrita e comunicação oral.

## Referências

FERREIRO, Emilia; ROSA, Ernani. **Cultura e escrita e educação: conversas de Emilia Ferreiro com José Antonio Castorina, Daniel Goldin, Rosa Maria Torres.** Artmed, 2001.

Base Nacional Comum Curricular **(BNCC)**. Disponível em: <https://www.2em1consultoria.com.br/base-nacional-comum-curricular-bncc/> ,

CERIZARA, Ana Beatriz. Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil?. **Perspectiva**, v. 17, n. 1, p. 11-22, 1999.

DUARTE, Newton. Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski. In: **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski.** 2001. p. 115-115.

FREIRE, P. **Conscientização.** São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Paz e Terra. São Paulo, 1997.

OLIVEIRA, Cybelle Aline; DE SOUZA, Francisca Cláudia; SANTOS, Vânia Aparecida. Ética Docente na Prática. **Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 4, p. 181-188, 2022.

PIMENTA, S. G. **Pedagogia, ciência da educação?** São Paulo: Cortez, 2008.

PINTO, Jacyguara Costa; NUNES, Maria Regina. Planejamento Educacional para o Ensino Médio no Brasil: Um Movimento de Reformas. **Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 4, p. 255-264, 2022.

POLONIA, Ana da Costa. **Contribuições da Psicologia para a Educação**. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal, 2002.

PONTES, Edel Alexandre Silva. A matemática na educação infantil: um olhar educacional sob a ótica da criatividade. **Diversitas Journal**, v. 5, n. 2, p. 1166-1176, 2020.

VELASCO, Carmen; FERNÁNDEZ, Itziar; PÁEZ, Darío. Alexitimia, afrontamiento, compartir social y salud. **Boletín de Psicología (Spain)**, 2001.

VYGOTSKY, L.S. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar**. Ícone Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1985.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente** - Martins Fontes. (5 ed.). São Paulo, 1998.

MOTA DE CABRERA, Carmen; VILLALOBOS, José. El aspecto socio-cultura del pensamiento y del lenguaje: visión Vygotskyana. **educere**, v. 11, n. 38, p. 411-418, 2007.